



PATERNIDADES PERIFÉRICAS EM *O SOL NA CABEÇA*, DE GEOVANI MARTINS

PERIPHERAL FATHERHOODS IN THE SUN IN THE HEAD, BY GEOVANI MARTINS

Sara Lopes Almeida

Universidade Federal de Campina Grande

<https://orcid.org/0009-0001-7442-8187>

professaralopes2025@gmail.com

Resumo: No livro *O Sol na Cabeça* (2018), de Geovani Martins, estão os contos que compõem o objeto de análise do presente estudo: “O rabisco” e “Roleta Russa”. O tema abordado em ambos é a paternidade, e é portanto, o principal aspecto aqui observado, diante dos seguintes objetivos: 1) Descrever os elementos que caracterizam a figura do pai; 2) Comparar as semelhanças e diferenças existentes entre os personagens pais; 3) Analisar a performance paterna dos personagens a partir da ótica feminista. Esta pesquisa de caráter qualitativo, foi desenvolvida a partir do método bibliográfico segundo Gil (2002). A pauta da parentalidade presente nas narrativas se relaciona diretamente com questões de gênero do ponto de vista sócio-histórico, por isso, foram utilizados os apontamentos de Judith Butler (1988) e Bell Hooks (2018) e (2019). O corpus deste trabalho convida o leitor a pensar a vida em contextos urbanos periféricos e os desdobramentos advindos desta socialização na performance parental, conduzindo o leitor às reflexões sobre os papéis sociais de gênero e seu impacto através do texto literário.

Palavras-chave: Paternidade. Gênero. Periferia. Literatura contemporânea. Geovani Martins.

Abstract: In the book *O Sol na Cabeça* (2018), by Geovani Martins, there are the short stories that make up the object of analysis of the present study: “O rabisco” and “Roleta Russa”. The theme addressed in both is paternity, and it is therefore the main aspect observed here, given the following objectives: 1) To describe the elements that characterize the father figure; 2) To compare the similarities and differences between the father characters; 3) To analyze the paternal performance of the characters from a feminist perspective. This qualitative research was developed based on the bibliographic method according to Gil (2002). The agenda of parenthood present in the narratives is directly related to gender issues from a socio-historical point of view, therefore, the notes of Judith Butler (1988) and Bell Hooks (2018) and (2019) were used. The corpus of this work invites the reader to think about life in peripheral urban contexts and the consequences arising from this socialization in parental performance, leading the reader to reflect on the social roles of gender and their impact through the literary text.

Keywords: Paternity. Gender. Periphery. Contemporary literature. Geovani Martins.

Considerações iniciais

Nas últimas décadas, as questões sociais de gênero vêm recebendo crescente atenção em diversas esferas artísticas e culturais. Na literatura contemporânea, temáticas correlacionadas a esta categoria como identidade, sexualidade, parentalidade, e tantas outras, aparecem recorrentemente em diversas produções, favorecendo que os debates públicos a respeito destes tópicos sejam ampliados e sejam, inclusive, fundamentados por correntes teóricas que investigam tais fenômenos.

O feminismo desempenha, desde sua origem, o papel de teorizar os fenômenos em torno do gênero, uma vez que os estudos feministas evidenciaram a lógica de dominação masculina presente na sociedade patriarcal e embasaram a luta pela igualdade de direitos entre homens e



mulheres, o que viabilizou, mais tarde, a repercussão de uma série de estudos que revelaram, entre outras ferramentas, o gênero como uma categoria útil de análise histórica¹, dando origem a teorias a partir das quais pode-se compreender as relações sociais de poder estabelecidas pelas diferenças sexuais.

Butler (2019) traz a ideia de gênero enquanto “uma identidade construída, uma performance em que as pessoas comuns, incluindo os próprios atores sociais que as executam, passam a acreditar e a performar um modelo de crenças” (Butler, 2019, p. 223). Esta performance mencionada pela autora, condiciona os indivíduos a reproduzirem determinados comportamentos a depender de seu sexo biológico, e uma vez perpetuada em todas as instâncias sociais, a performance de gênero garante a manutenção de opressões históricas em que as figuras femininas aparecem hegemonicamente na condição de desvantagem.

E são muitas as tais opressões históricas que refletem aquilo que é denunciado como violência de gênero, a exemplo das diversas formas de violência doméstica, da maternidade compulsória, da banalização do abandono paterno, entre tantas outras formas materiais e simbólicas de violentar, muitas delas, contidas na literatura de Geovani Martins. Presentes no livro de contos *O Sol Na Cabeça* (2018), as narrativas que compõem o *corpus* desta pesquisa tratam, ambas, sobre relações parentais masculinas moldadas pelo cotidiano das periferias, são elas, respectivamente, “O rabisco” e “Roleta Russa”. Os contos nos permitem observar como se configuram as representações paternas na contemporaneidade, entre outros recortes sociais ligados a gênero. O tema em conformidade nas duas histórias é a paternidade, sendo a performance e a representação do pai, o principal aspecto a ser investigado nestas narrativas.

Ao retratar a relação entre pai e filho, a escrita de Geovani oferece ao leitor uma ótica realista do que pode ser a perspectiva masculina quanto à parentalidade. Os personagens que observamos são homens e meninos que assim como o autor, são moradores da periferia carioca. A construção da identidade de gênero nesse cenário está perpassada pela exclusão e pelo preconceito, as opressões, sejam elas de raça ou de gênero, são potencializadas pela problemática de classe, apontamentos muito evidentes nas obras do autor.

Embora enfatize a posição da mulher como vítima do patriarcado, o movimento feminista não ignorou a precariedade emocional a que são submetidos os homens na lógica patriarcal. De acordo com as observações de bell hooks, “à medida que o movimento progredia, à medida que o pensamento feminista avançava, ativistas feministas intelectuais enxergaram que homens não eram o problema, que o problema era o patriarcado, o sexismo e a dominação masculina.” (bell hooks, 2018, p. 79). A autora comenta que desde a primeira década do movimento, teóricas feministas começaram a falar sobre como o patriarcado é nocivo também aos próprios homens e impõe sobre eles uma identidade sexista desde a infância, sendo o sexismo a raiz de problemáticas que desembocam nas diversas formas de violência de gênero existentes.

A escrita de Geovani Martins representa situações cotidianas em que o aspecto do sexismo aparece na construção de personagens masculinos, tanto de maneira explícita, dadas algumas temáticas diretamente sexuais, como de maneira indireta, refletido nos cenários de hostilidade e violência ocupados pelos homens. Os contos “O rabisco” e “Roleta-russa” ilustram a marginalização imposta aos corpos periféricos desde muito cedo, bem como os possíveis desdobramentos dessa socialização na performance parental.

Na obra *Teoria Feminista: da margem ao centro* (2019), bell hooks traz uma breve síntese de como estão internalizadas as diferentes percepções de parentalidade se tratando da maternidade e da paternidade:

¹ Postulação trazida por Joan Scott (1989) em “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”.



As definições da palavra “pai” apresentadas por dicionários associam o seu significado à aceitação da responsabilidade, sem mencionarem palavras como “ternura” e “carinho”, no entanto estas palavras são utilizadas para definir a palavra “mãe”. Ao atribuir exclusivamente às mulheres a responsabilidade do cuidado, ou seja, da satisfação das necessidades emocionais e materiais das crianças, a sociedade reforça a ideia de que ser mãe é mais importante do que ser pai. As definições e a própria utilização dos termos “pai” e “mãe” transmitem a sensação de que estas duas palavras se referem a duas experiências nitidamente diferentes. Se as mulheres e os homens querem assumir igual responsabilidade pela educação, terão de definir o trabalho de ser pai e de ser mãe da mesma forma. (bell hooks, 2019, p. 209)

A autora reflete sobre a importância de as pessoas compreenderem o impacto negativo que a não participação, ou a participação problemática dos homens na educação dos filhos tem nas relações familiares e no desenvolvimento das crianças, de forma que os estudos que analisam as figurações paternas no texto literário e que se apoiam na ótica feminista para fundamentar observações críticas a seu respeito, atuam em favor dessa conscientização coletiva.

A seguir, uma análise mais detalhada dos referidos contos pretende observar como estão representadas as figuras paternas presentes nas narrativas e fazer apontamentos teóricos e críticos que conduzam a reflexões sobre o feminismo e sobre a igualdade de gênero a partir do texto literário.

1 O rabisco

A situação inicial do conto “O rabisco” se dá em um cenário de apreensão: Fernando, o protagonista, é um jovem pichador que se encontra em apuros após ceder ao, até então interrompido, vício da pichação e por consequência, ser confundido com um ladrão. Na verdade, não apenas a situação inicial, mas todo o enredo se desenvolve em torno de uma atmosfera de muita tensão, pois do início ao final, o leitor lida com a possibilidade de ver o personagem principal enfrentar um linchamento público.

Embora a possibilidade do linchamento, por si só, já cause efeitos de complicações suficientes para a narrativa, há ainda o adendo de que Fernando acabara de tornar-se pai, e havia prometido não colocar a si mesmo em risco novamente, cumprir com suas obrigações paternas e se comprometer com sua família recém formada. Portanto, acrescenta-se ao seu cenário dramático, a culpa, a angústia e a aflição de uma promessa quebrada.

Ao longo do conto, o narrador, que é onisciente, traz a tona fatos do passado de Fernando que evidenciam como sua cosmovisão é construída, bem como passagens muito sensíveis que dão ao leitor o entendimento do tipo de relação que o protagonista mantém com a prática da pichação:

O rabisco tem a ver com eternidade, marcar a passagem pela vida [...] Era muito louco desvendar os mistérios da arte proibida, ouvir as histórias de nomes que sobrevivem na cidade há mais de vinte, trinta anos, e que com certeza, mesmo depois de apagados ou derrubados os muros, sobreviverão na memória. [...] Queria mesmo marcar sua cidade e seu tempo, atravessar gerações na rua, se transformar em visual. (Martins, 2018, p. 53).

A passagem acima, deixa explícita a dificuldade enfrentada pelo personagem ao tentar se desvincilar de tal hábito, pois é possível notar que o que o aproxima desta prática e o faz incorporá-la é um fator identitário, ideológico, e de certa forma, afetivo. O autor faz uso de uma



linguagem simbólica para retratar a perspectiva do protagonista, o recurso poético em formas como “marcar sua cidade e seu tempo” e “se transformar em visual” atribuem à pichação a esfera artística a que ela pertence, mas nem apesar disso, menos marginal, como ilustram outras passagens ao longo do conto.

Até então tinha ficado pra trás o nome que usava pra tatuar a cidade, já caminhava pro terceiro mês sem xarpi², nem nome de caneta tava mandando mais, evitava fazer o movimento das letras até com os dedos (Martins, 2018, p. 51).

Neste ponto da narrativa, dá-se início à construção de um elemento muito característico do protagonista, a dualidade. O leitor se depara primeiro com um personagem que ocupa uma posição marginalizada, que está no lugar da contravenção, da subversão. Aos poucos, é revelada uma face preocupada, que dá lugar à ideia de redenção, perdão ou piedade:

Desde que nasceu Raul, seu filho, Fernando fez de tudo pra mudar o rumo [...] Queria mesmo se preocupar com a cria, em se manter vivo, presente. Mas pra isso, ele sempre soube, precisava deixar o xarpi de lado, deixar morrer o personagem que ergueu com cara e coragem. Ou então, no mínimo, se arriscar menos, pegar as paradas no baixo, fazer um rolé mais tranquilo. O que, no fim das contas, significa uma morte muito pior. (Martins, 2018, p. 52).

Ao decidir se distanciar da pichação, o personagem demonstra que a sua motivação foi o nascimento de seu filho, e que por isso, a promessa de abandoná-la representaria um duro sacrifício, que embora duro, seria a coisa justa e necessária a se fazer diante de suas novas responsabilidades familiares, como complementam os trechos. Ao mesmo tempo em que é explorada a preocupação paterna, também é exposta uma preocupação social, no sentido de que para se afirmar enquanto pertencente ao movimento da pichação, a dificuldade, o risco e o perigo são critérios valiosos, nos levando a refletir a respeito do apreço por esses ideais no contexto da construção da identidade masculina.

A respeito deste tópico, a representação da masculinidade pode ser observada tanto no campo individual quanto coletivamente. Ao longo do conto é possível constatar que há uma vaidade latente pela conquista de um lugar de prestígio na referida cena cultural, o próprio evento em torno do qual a narrativa se desenvolve é decorrente disso, uma vez que Fernando só estava em apuros por influência de elogios e homenagens de um admirador que o convidou a pichar. Até aqui a representação masculina é colocada principalmente em cima de aspectos como a valentia, relacionada à periculosidade e a vaidade, relacionada à popularidade e ao apreço social.

A trama ganha profundidade à medida em que alterna entre narrar as lembranças familiares da infância/adolescência do protagonista e os momentos de aflição em que ele se encontra no momento presente. Ao trazer detalhes prévios da história de Fernando, o narrador desperta no leitor níveis de empatia e esperança pelo personagem:

Fernando lembra do pai batendo na porta. [...] A mãe dizia ‘Ninguém abre!’. Só deixava o homem entrar quando estava sóbrio, e ela conhecia as batidas de quando estava bêbado. Gastou um dinheirão com aquele monte de fechaduras, mas os filhos não iam mais ter que ver o pai estirado no chão da cozinha. (Martins, 2018, p. 55)

² Palavra “pixar” ao contrário. Ato de pichar. Assinatura usada por pichadores que funciona como codinome.



Nesta passagem, por exemplo, é possível especular a respeito do tipo de relação parental que o protagonista vivenciou: um ambiente familiar atravessado pela problemática do alcoolismo; a ausência paterna decorrente da dependência alcoólica; a necessidade materna de recorrer a uma atitude radical na tentativa de preservar a imagem paterna; a falta de estratégias emocionais para lidar com a situação do vício, ideias que formam um contexto opressor que contrasta com a idealização de família.

O autor explora bastante o recurso de contraste ao longo do conto. Após ilustrar uma condição de opressão, que causa no leitor o desconforto de um trauma familiar, utiliza algumas lembranças positivas como atenuante: “Fernando sentia vontade de abrir a porta, lembrava do velho ensinando ele a soltar pipa, levando pro festival na Quinta da Boa Vista, fazendo balões pra soltar em dia de santo” (Martins, 2018, p. 55). Este esquema de contrastes nos remete à própria dualidade do personagem protagonista, que embora deseje ser um pai melhor, parece não possuir ferramentas psicológicas para separar-se de uma conduta prejudicial, assim como seu pai.

Quase todo o conto é construído a partir da alternância entre memórias positivas e negativas de Fernando, imprimindo seu aspecto dualista. Aqui, o contraste está presente entre a vivência doméstica, a pacata rotina familiar que o personagem buscava manter, e as aventuras urbanas vivenciadas por ele:

No tempo em que ficou sem xarpi, Fernando gostava de chegar em casa cedo, saía correndo do trabalho para receber o abraço da mulher, o sorriso ainda sem dentes do filho [...] Gostava de quando deitava na cama e [...] só conseguia pensar na sorte que tinha por estar vivo”. (Martins, 2018, p. 55 e 56).

O autor constrói a narrativa conduzindo o leitor a observar essa dupla personalidade do personagem e a refletir sobre quais experiências o lapidaram dessa forma. De um lado, as vivências familiares, mencionadas anteriormente, que nos evidenciam lacunas emocionais profundas no personagem, de outro, as vivências da rua, onde se estabeleceram as relações entre pares ligadas pelo desejo artístico-subversivo semelhante de registrarem sua passagem no mundo através da pichação, contexto este, que também proporcionou a ele situações traumáticas, a exemplo de colegas pichadores que foram vítimas de espancamento por parte da polícia, ou mesmo da população, que ficaram com sequelas significativas, ou mesmo dos que sequer sobreviveram aos ferimentos. Aqui, pode-se apontar um outro grande aspecto estruturante da identidade masculina: a violência.

Diante do risco de linchamento vivido pelo protagonista, o leitor também é convidado a refletir sobre o tema da violência, em destaque, sobre a violência urbana e suas diversas faces. Pode-se constatar que para o personagem, o fator da violência não é um inibidor de seu ímpeto de aventura, afinal, condicionado pela performance de gênero esplanada no início do presente capítulo, é o julgamento que farão ao seu respeito enquanto “fraco”, que conduz melhor seu sentimento de receio e arrependimento por falhar com sua família, como sugere a passagem abaixo:

E, mesmo que não fosse sua hora, que sobrevivesse à surra, ia precisar explicar em casa aqueles hematomas todos, e saberiam que voltou a pichar, que cedeu ao vício, e o julgariam fraco e também hipócrita, por viver reclamando que seu pai o havia trocado pelo álcool e agora trocava seu filho por tinta. (Martins, 2018, p. 57)

Embora tenha o ímpeto de exercer uma boa paternidade, e embora reconheça a necessidade de romper com o ciclo do abandono paterno para o bem do filho e seu próprio bem, o personagem não consegue podar os próprios instintos. Isso, por si só, é um reflexo



consequente da organização familiar patriarcal, que por sua vez, cristalizou no imaginário público ideias como: as tarefas de cuidado doméstico são responsabilidades femininas; que as mulheres o fazem naturalmente ou melhor que os homens; entre outros. São também o espelho de diversos pais de família que, em sua infância e juventude, vivenciaram ou a ausência paterna, ou traumas causados pela presença problemática do pai, e que devido a isso, não dispõem de referências masculinas exemplares para que possam replicar uma paternidade saudável.

A trama evolui de modo que o leitor se depare com os altos e baixos do personagem, temendo por ele em um momento, mas torcendo por ele logo em seguida. Se o destino de Fernando estava assumindo uma tendência mais otimista, foi para que não resistíssemos à tensão final do clímax, pois o personagem é flagrado por uma moradora do prédio onde pichava, e esta, chama atenção de toda a vizinha para o que poderia ser um ladrão. Em meio a um turbilhão de conflitos internos, lidando com o medo, a angústia e a culpa pela situação em que está, resolve anunciar que é pichador, na intenção de dispersar os justicieros que pudessem vê-lo como um criminoso que estava ali para roubar. Quando recebe o silêncio da população como resposta, Fernando elabora uma fuga em que saísse ilesa dessa aventura, agora indesejada.

No entanto, o que acontece ao protagonista é incerto, os últimos parágrafos do conto mencionam uma queda do telhado, que apesar de curta, ocasiona um ferimento grave, a gravidade, por sua vez, é inferida pela menção ao sangramento, o impacto de sua queda provoca um barulho que amedronta a multidão de curiosos que se formou a esta altura da narrativa. Barulhos de tiros para o alto são mencionados, como tentativa de que o invasor fizesse um novo som que revelasse sua localização, observamos o personagem se desesperar diante da possibilidade de morte, outro elemento muito explorado pelo autor ao longo do conto, até que Fernando desmaia e esta é a informação com a qual o conto é finalizado.

A queda do protagonista pode ainda, ser lida como várias metáforas: a queda enquanto consequência de seus atos, a queda enquanto tomada de consciência no sentido de “cair na real”, a queda de sua dupla personalidade, a queda de sua reputação familiar, ou mesmo a queda enquanto metáfora da própria morte.

Geovani incita que seu público faça perguntas como “ele sobrevive ao ferimento?”, “ele sobrevive à multidão?”, “e se sobreviveu, desistiu de tal ofício e priorizou o filho?”. Questionamentos que não serão respondidos exceto pela própria imaginação do leitor, uma vez que o desfecho do conto não deixa claro o fim de seu protagonista.

É possível observar que os aspectos da masculinidade e da parentalidade aqui representados estabelecem um paralelo com as observações de bell hooks (2018) quanto aos moldes patriarcais de comportamento masculino. A autora comenta a respeito da construção identitária dos homens nos evidenciando que as ações dos personagens pais da presente narrativa são diretamente influenciadas pela sua construção identitária:

Nós sabemos que a masculinidade patriarcal incentiva homens a serem patologicamente narcisistas, infantis e psicologicamente dependentes dos privilégios (ainda que relativos) que recebem simplesmente porque nasceram homens. Muitos homens sentem que a vida será ameaçada se esses privilégios lhes forem tirados, já que não estruturaram qualquer identidade essencial significante (bell hooks, 2018, p. 81 e 82)



Como observado, ainda que relativizados tais privilégios, dadas as condições de opressão e exploração a que são expostas as pessoas periféricas, a forma como homens e meninos são educados para estruturar sua personalidade em características impertinentes os levam, mais tarde, a um cenário de degradação psicológica, como acontece a Fernando e como antes disso, certamente aconteceu ao seu pai. O presente conto levanta importantes reflexões sobre as mazelas familiares perpetuadas de geração em geração devido à organização problemática dos papéis sociais de gênero.

2 Roleta-russa

O segundo objeto da presente análise recebe o título de “Roleta-Russa”. Seu enredo se concentra na relação construída entre Paulo, o filho, e Almir, o pai, que juntos enfrentam o dilema de portar uma arma de fogo em casa. Na situação inicial deste conto, um amontoado de meninos disputam a melhor posição para verem uma fotonovela pornô que um deles achou enquanto mexia nas coisas do quarto de um primo que estava desaparecido. Logo no início, o leitor é atravessado pelo peso da temática trazida: crianças que por passarem a maior parte do tempo sem supervisão, têm sua infância violada por estarem expostas a contextos impróprios como a pornografia, a violência, a criminalidade, e neste caso, em especial, a uma arma, elementos que aparecem recorrentemente ligados ao imaginário masculino.

Dentre as informações que o conto apresenta sobre a história do pai e do filho, ainda na situação inicial, está a de que moram num “quarto com banheiro” e que vivem apenas os dois, dados muito importantes para a construção da narrativa, pois sugerem ao leitor a condição financeira que apresentam e a inferência de uma ausência materna. Em nenhum momento do texto há marcas de passagem da mãe (ou outra figura feminina que pudesse representá-la). Como analisado nos tópicos anteriores, a partir das ideias de bell hooks (2018), há uma predisposição social que afasta os homens das atividades de cuidado, portanto, na presente narrativa, o fato do pai ser o único cuidador da criança já é uma pauta sensível que nos indica uma lacuna emocional significativa na construção desses personagens.

No conto “Roleta-russa”, o conflito já é apresentado ao leitor desde o início e a trama se desenvolve em um cenário de tensão e apreensão, assim como no conto anterior. A partir do trecho abaixo é possível entender como se deu a chegada da arma de fogo na vida de Paulo e Almir:

O revólver na casa não era segredo. Seria impossível esconder qualquer coisa da curiosidade do filho naquele quarto com banheiro em que foram morar. Quando aceitou o emprego de segurança e passou a portar o trinta e oito, Almir resolveu conversar com Paulo. Uma conversa de homem pra homem, ele disse, embora o moleque tivesse acabado de completar dez anos de idade. Contou que precisava do emprego, que a vida seria melhor pros dois, que ganharia muito mais dinheiro do que no posto de gasolina. Disse que confiava no menino com todo seu coração, por isso não precisou pensar duas vezes antes de aceitar o trabalho e levar o revólver para casa. (Martins, 2018, p. 24 e 25)

Nesta passagem, dois fatores principais atuam com efeito de impacto. Primeiro, o uso da forma “uma conversa de homem pra homem” que nos revela, mais uma vez, a exposição precoce à problemáticas adultas, uma vez que o filho tem apenas dez anos de idade, o que configura como criança, em vez de “homem” como sugeriu o pai, embora saibamos que esta expressão provavelmente foi usada para imprimir no filho coercivamente a seriedade da



conversa. Segundo, o fato de que a arma de fogo entra nessa história em razão da necessidade profissional do pai, diferentemente do que pode sugerir os precedentes sociais da arma enquanto mero elemento de proteção pessoal, ou de envolvimento criminoso.

Aqui, cabe uma observação valiosa a respeito do pouco envolvimento paterno na educação dos filhos assistida ao longo da história. bell hooks (2018) comenta que a estrutura patriarcal-capitalista se organiza de forma a dividir os papéis sociais por gênero, portanto, enquanto cabe à mulher o dever de administrar as questões do cuidado do lar e dos filhos, cabe ao homem a tarefa de ser o provedor da família por meio da força de trabalho, o que o afastou quase que definitivamente da esfera doméstica. A autora aponta que

As demandas de trabalho muitas vezes criam obstáculos para uma maior participação de pais e mães trabalhadores, principalmente os pais, no cuidado da criança. Até que vejamos grandes mudanças na maneira com que o trabalho é estruturado no que se refere a tempo, não viveremos em um mundo onde a vida é projetada para permitir aos homens tempo e espaço para a paternagem. (bell hooks, 2018, p. 82)

Essa afirmação pode ser constatada na respectiva narrativa, afinal, Paulo está exposto a tais problemáticas porque o pai, seu único cuidador, precisa estar ausente em virtude do emprego, ironicamente, é o próprio emprego que viabiliza o contato da criança com o revólver. O acontecimento do encontro com a arma de fogo desencadeou em Paulo uma onda de fascínio, e sempre que o pai dormia, o menino tinha momentos de deleite manuseando a arma e saciando sua curiosidade, inclusive, o personagem desenvolve a partir disso, um apreço pela adrenalina alcançada com a possibilidade de ser descoberto pelo pai. Mais uma vez é possível observar o elemento do apego à adrenalina ou à periculosidade sendo utilizado pelo autor na construção da identidade masculina, assim como no conto em que o protagonista é um pichador.

A narrativa evolui com passagens que demonstram o perfil de Almir enquanto pai, nos permitindo observar uma tendência pacificadora na construção desse personagem, o que contrasta também com a ideia comum de pai enquanto força autoritária, ou de que é justificável que a figura paterna exerça autoridade com violência, inclusive física, comumente apontada como símbolo da rigidez patriarcal:

Almir costuma dizer que prefere ganhar o filho pelo respeito, porque não confia em relações orquestradas pelo medo. Repete isso aos quatro ventos quando é interrogado sobre o desafio de criar um filho sem mãe. Na tentativa de não usar a força física como base da educação, joga com o filho. Utiliza, sem nenhum peso na consciência, de ferramentas como a culpa e o remorso para esculpir a personalidade do menino. Por sua vez, Paulo não sabe onde começa nem onde termina o respeito, o medo, a vergonha e admiração que sente pelo pai. (Martins, 2018, p. 25)

Fica clara a tentativa do pai de estabelecer com o filho uma relação mais respeitosa e de confiança, uma vez que opta por não fazer uso da força física, mas também fica clara a vulnerabilidade desse relacionamento, pois, embora busque alternativas, que na mente de Almir, são menos violentas, para o filho, a relação que eles constroem é confusa e arbitrária, dado que o menino infringe sempre que pode a confiança depositada pelo pai e em contrapartida está sempre atormentado pelo remorso.

Esse quadro de apreensão vivenciado por Paulo ganha destaque no momento em que o menino fica a sós com o objeto metálico pela primeira vez, já que Almir o levava consigo sempre que ia trabalhar e o único momento que o filho tinha acesso a ele, era durante o sono do pai. Até que um dia, em vez de dormir após o almoço, como de costume, Almir precisa sair de



casa para resolver um outro assunto e deixa a arma em casa, e o menino se vê livre para portar o revólver e exibi-lo na rua para os amigos. Enquanto aguardava a hora de seu exibicionismo público, a hora em que a rua estaria repleta de outros meninos de sua idade, Paulo estreitava sua relação com a arma do pai:

A batalha contra os robôs alienígenas do desenho japonês não prendia sua atenção. Ao longo do episódio, Paulo carregou e descarregou diversas vezes o revólver, fingindo que treinava pra guerra. Quando já não aguentava mais tanta espera, pressionou o bico gelado do ferro contra o próprio peito, depois foi descendo até chegar no umbigo, então imaginou como seria levar um tiro bem ali, e imaginar a bala perfurando sua carne fez com que contraísse todo o estômago. Seguiu descendo com a arma até chegar no pau, começou a fazer movimentos circulares, curtindo a sensação de quente e frio provocada pelo encontro, mas, quando notou que endurecia o membro, corou de vergonha e tirou com pressa o trinta e oito das calças. Por fim, voltou a carregá-lo, enquanto cantava o tema de encerramento do desenho junto com a televisão. (Martins, 2018, p. 27 e 28)

Novamente, veremos o elemento de contraste ser muito explorado pelo autor. Nesta passagem, a ideia de dualidade é construída em volta do comportamento transitório de Paulo, que embora seja ainda uma criança, com práticas infantis como brincar na rua e assistir desenhos animados, se encontra em um estado de excitação ocasionado pelo revólver. Esta situação causa no leitor um desconforto imediato, dado o grau de periculosidade da arma, e é justamente este fato aliado à temática sexual que contrasta diretamente com a condição da infância do personagem. Essa transição de comportamento, muito particular da puberdade, que engloba a idade de Paulo, é um fator bastante relevante para o enredo, pois é ela que sustenta o efeito de impacto, tanto no início do conto, como na respectiva passagem, e chama a atenção do leitor para outro traço muito recorrente na construção da identidade masculina, a sexualidade precoce.

Em seguida, Paulo leva o revólver para a rua e ganha o reconhecimento de todos os garotos. Na passagem seguinte, e em diversas outras, é possível perceber que o universo masculino é também estruturado por um forte viés de hostilidade dado o tratamento ostensivo mantido uns com os outros. A escolha linguística do autor, a troca de ofensas entre os personagens, e especialmente, a temática estabelecida em seu diálogo seguem criando o efeito de impacto que leva a reflexões profundas sobre a vivência infantil nas periferias:

- Trinta e oito é foda porque, quando entra, faz só um buraquinho, mas, quando sai, deixa o maior buracão do outro lado.
- Tá maluco, cara. Quem faz isso é doze punheteira. Eu vi naquele filme, O sexto sentido, na hora que o moleque vira e tem o maior buracão na cabeça dele. Atrás. Foi tiro de doze aquilo.
- Eu vi o filme também, lerdão. Todo mundo viu. Aquilo lá é tiro de oitão. Tu quer saber mais do que eu, cara, meu irmão é do exército.
- Vocês ficam nessa de oitão, de doze punheteira, eu sou mais a Golden Gun. Se acertar um tiro, pode ser qualquer lugar, pode ser até no pé, mata na hora. A bala onde que entra vai direto procurar o coração.
- Meu irmão falou, cara, que essa arma só tem no 007.
- E teu irmão sabe de quê, animal? Teu irmão é pé-preto! (Martins, 2018, p. 28 e 29)



O que parece ser uma conversa corriqueira entre eles, é plano de fundo para importantes discussões: os garotos comentam com naturalidade a respeito dos tipos de armas, percebe-se que eles acreditam possuir propriedade sobre o assunto, o que mais uma vez, ocasiona desconforto se imaginarmos que é uma pauta que não deveria fazer parte de suas vivências enquanto crianças ou mesmo pré-adolescentes. Enquanto conversam com convicção, o elemento de contraste colocado em relação à maturidade quanto ao tema é a inocência infantil de acreditar na existência real de uma arma fictícia. O interesse pelo viés armamentista também é um fator geralmente atrelado à identidade masculina, uma vez que homens são conduzidos, desde muito cedo, a apreciarem noções militares de comportamento.

Ao levar o revólver para a rua, Paulo alcança exatamente o que pretendia, o apreço dos amigos, o sentimento de valorização, em outras palavras, a arma atua como ferramenta de empoderamento para o menino entre seus semelhantes, como ilustra a passagem a seguir:

Só queria que tudo aquilo durasse pra sempre. A admiração no olhar dos colegas, a atenção que recebia por tudo que fazia. Como seria bom se conseguisse alcançar isso também na escola, ficou pensando. É difícil não se destacar em nada entre os outros moleques. Paulo não era dos melhores no futebol, nem na gude, nem na pipa. Não era dos mais engraçados nem dos bons de briga. Às vezes sentia que, se sumisse de vez, ninguém na sua rua ou na escola sentiria sua falta. (Martins, 2018, p. 29 e 30)

O trecho acima nos indica as inseguranças de Paulo quanto à sua reputação, e indica sua alta satisfação com o tratamento que recebe ao portar a arma, ainda que seu prazer fosse constantemente atravessado pela culpa ao lembrar que o pai depositava nele uma alta confiança. Até então, foram explorados diversos elementos demonstrativos do que é considerado performance de gênero para o sexo masculino: a adrenalina das práticas indevidas, a valorização da força e da bravura, a sensação de poder e autoconfiança alcançada pela presença da arma, o anseio pela posição de prestígio na turma, a vaidade, elementos que também são explorados na construção do personagem protagonista de “O Rabisco”.

A trama evolui a partir da aventura do filho brincando com a arma na rua. Outra passagem que mantém a sequência dos efeitos de impacto é quando além da imprudência de mexer no revólver do pai escondido, além de levá-lo pra fora de casa e utilizá-lo na brincadeira com os outros meninos, Paulo decide revelar uma informação aos seus amigos:

— Vou contar pra vocês uma coisa, mas é segredo. Meu pai já matou uma pessoa com essa arma.
— Para de inventar história, moleque, seu pai é um cara tranquilo.
— Tranquilo ele é, até mexer com ele. Que nem eu sou! — E como que você sabe disso, você viu, ele te contou, por acaso?
— Eu ouvi ele falando com um amigo dele, era de manhã, bem cedinho, eu fiquei fingindo que tava dormindo, pra ouvir a conversa. Tavam nervosos os dois. Tinha até outras armas em cima da cama, eu lembro.
— Cê tava sonhando, cara. (Martins, 2018, p. 30)

Nesta passagem, assim como o interlocutor de Paulo, o leitor também custa a acreditar que seja verdade que Almir matou um homem, dado o comportamento pacífico do personagem do pai. O que fica evidente, mais uma vez, é a necessidade do menino de impor o medo e o respeito entre os outros, ou mesmo a urgência de se colocar como perigoso, a ponto de inventar uma história gravíssima, que ainda que fosse verdade, seria um assunto muito problemático para ser exposto dessa forma, revelando novamente o contraste entre sua inocência, já que



elaborou sua fala sem sequer calcular as consequências negativas que isso teria na vida do pai, e o desejo de enaltecer ao pai e a si próprio como homens em seu sentido mais brutal.

Em meio ao sonho realizado de alcançar o respeito dos amigos, comandar a brincadeira e sentir-se maior que os demais, Paulo é tomado pelo pânico ao perceber que muitas horas se passaram e que havia colocado tudo a perder caso o pai já tivesse chegado em casa e desse por falta da arma:

— Iá lá, os moleques vão guardar as balizas, vamo lá pedir pra gente jogar um golzinho com elas.

Paulo foi atacado por essa informação. Pros mais velhos acabarem com o futebol era porque já ia ficar de noite e eles iam tomar banho pra ficar no portão das namoradas, o que queria dizer que já tava na hora do pai sair pro trabalho. Saiu voado dali, sem se importar com o que pensariam os amigos. Estava tão desesperado que não conseguia nem bolar um plano de defesa, como sempre faz quando volta pra casa já sabendo que tá no erro. E, pra aumentar a angústia, foi assaltado no meio do caminho pela triste certeza de que tudo aquilo não passava de uma armadilha do pai pra testar sua confiança. (Martins, 2018, p. 30)

Aqui, ganham destaque dois trechos principais que alimentam o clímax da narrativa. Primeiro, quando em meio à grande aflição de Paulo, o autor usa o recurso da quebra de expectativa de forma muito perspicaz: o leitor se depara com a passagem “E, pra aumentar a angústia, foi assaltado no meio do caminho...” e antes que possa concluir a e descobrir que trata-se de uma metáfora, já elevou seus níveis de apreensão pelo personagem imaginando a possibilidade de que ele foi roubado e levaram a arma do pai, potencializando assim, seu cenário caótico. Segundo, pela tristeza, arrependimento e preocupação da situação do pequeno protagonista que se encontra em maiores apuros por ter se distraído e esquecido de voltar para casa na hora certa, o que nos remete novamente à sua natureza infantil e nos desperta ainda mais empatia pela sua situação.

Ao chegar em casa, Paulo visualiza os sapatos de Almir na porta e a atmosfera de tensão e desespero é intensificada em volta do personagem do filho, que enquanto espera o pai sair do banho, confabula inúmeras promessas de bom comportamento e obediência constantes caso consiga escapar do flagrante. Assim como no conto anterior, este também termina sem um desfecho exato, pois não é descrito se o personagem é descoberto, se foi confrontado, se escolheu confessar ou mesmo guardar segredo. Mais uma vez, Geovani deixa por conta da imaginação de seu leitor o destino de seus personagens.

Considerações finais

As respectivas narrativas ilustram representações paternas da periferia, o que diz respeito às questões de gênero entre outros recortes sociais, portanto, os capítulos interpretativos privilegiaram o aspecto da construção dos personagens, observando os fatores que constituem a identidade masculina a partir da perspectiva dos estudos feministas, que por sua vez, ressaltam a importância da figura do pai no contexto familiar e apontam estratégias educacionais voltadas à diminuição da violência de gênero.

A partir da presente análise foi possível concluir que as paternidades periféricas ilustradas em *O Sol na Cabeça* (2018) revelam que as observações de bell hooks (2018) e (2019) quanto à parentalidade masculina são assertivas. Ambas as narrativas sensibilizam os leitores para os desdobramentos da influência paterna na vida dos filhos. Os contos também ilustram que a forma como homens e meninos são conduzidos a basear suas personalidades em



características apontadas como sexistas, os levam, mais tarde, a um cenário de precariedade emocional, e daí a importância de seguir as orientações feministas de educação de crianças contra a estrutura patriarcal de dominação masculina.

Embora a grande mídia conservadora hegemônica tente ilustrá-lo como uma “facção anti-homem”, o feminismo foi um dos principais responsáveis por levantar importantes discussões sobre a parentalidade e apontar estratégias de educação contra a estrutura patriarcal de dominação masculina. Se pensarmos no contexto identitário dos personagens aqui analisados, comprovam-se os apontamentos trazidos pelos referidos autores, pois é possível observar que as problemáticas emocionais nas quais estão inseridos advém justamente da forma como as personalidades masculinas são construídas com bases sexistas que, ao contrário do que sugerem, resultam em um referencial de autoestima altamente vulnerável e autodestrutivo, como ilustram os referidos contos.

Por fim, é válido ressaltar a relevância de se estudar obras de autores contemporâneos como Geovani, que estão acessíveis ao seu público, que participam de eventos literários debatendo suas obras e comentando a respeito dos universos ali retratados, que estão ativos politicamente ajudando a construir novas realidades a partir do texto literário e apontando para novas direções no próprio âmbito da literatura e da crítica.

Referências

- BUTLER, Judith. **Os atos performativos e a constituição do gênero**: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. Chão da Feira, Caderno n. 78, p. 1-16, 2019.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 222 a 239.
- HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.
- HOOKS, Bell. **Teoria feminista**: da margem ao centro. São Paulo: Perspectiva, 2019
- MARTINS, Geovani. **O sol na cabeça**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- PINHEIRO, Hélder (org.). **Pesquisa em literatura**. Campina Grande: Bagagem, 2011.
- RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017